



SOCIEDADE, PODER E FEMINISMO: REPRESENTAÇÕES PATRIARCAIS E IGUALDADE DE GÊNERO NA LITERATURA UTÓPICA REPRESENTADAS NA OBRA FICCIONAL “TERRA DAS MULHERES”, DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN

SOCIETY, POWER AND FEMINISM: PATRIARCHAL REPRESENTATIONS AND GENDER EQUALITY IN UTOPIAN LITERATURE REPRESENTED IN THE FICTIONAL WORK “HERLAND”, BY CHARLOTTE PERKINS GILMAN

FRANCISCA CIBELE DA SILVA GOMES²¹⁵

Resumo

O presente artigo tem como estudo central as relações patriarcais no Ocidente a partir da ótica literária que foram apresentadas ao longo do livro Terra das Mulheres, de Charlotte Perkins Gilman em contraste com a perspectiva de igualdade de gênero, especificamente, entre o público feminino, que constituiu este novo país fictício isolado das demais civilizações mundiais. Sendo a problemática desenvolvida ao longo do estudo: como a concepção de patriarcado ocidental e a desigualdade social, política e econômica fruto da discrepância imposta aos gêneros foi concebido pela autora norte-americana na obra em questão? Tendo como objetivo geral: analisar as problematizações relacionadas a disparidade entre as relações masculinas e femininas feitas pelos personagens ao longo da sua obra literária. Portanto, os objetivos específicos, dentre eles, estão: descrever as especificações do patriarcado presente na literatura ficcional em questão; especificar a igualdade feminina exposta ao longo do enredo fictício e identificar as concepções do movimento feminista presente na literatura fictícia abordada neste trabalho acadêmico.

Palavras-chave: Terra das Mulheres; patriarcado; utopia; sociedade.

Abstract

The present article has as its central study the patriarchal relations in the West from the literary perspective that were presented throughout the book Land of Women, by Charlotte Perkins Gilman in contrast to the perspective of gender equality, specifically, between the female audience, that constituted this new fictitious country isolated from other world civilizations. The problem developed throughout the study is: how was the conception of western patriarchy and social, political and economic inequality as a result of the discrepancy imposed on genders conceived by the American author in the work in question? With the general objective: to analyze the problematizations related to the disparity between male and female relationships made by the characters throughout their literary work. Therefore, the specific objectives, among them, are: to describe the specifications of the patriarchy present in the fictional literature in question; specify the female equality exposed throughout the fictional plot and identify the conceptions of the feminist movement present in the fictional literature addressed in this academic work.

²¹⁵ Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí. E-mail: cs6445758@gmail.com.



Keywords: Herland; patriarchy; utopia; society.

Introdução

A abordagem historiográfica e a concepção da sociedade através da literatura por muito tempo, especialmente nos anos predecessores à década de 1960, distanciaram-se. Pois, a primeira abordagem, respectivamente, era vista como uma análise imparcial, verossímil e uma tentativa de aproximar-se do real, mesmo considerando as limitações do tempo, espaço e da memória. No entanto, a abordagem literária foi marginalizada ao simples papel de espelho do mundo, distante da realidade e próxima, sobretudo, da imaginação.

Porém, conforme Pesavento,²¹⁶ o campo literário aproximou-se da historiografia, sobretudo, com o advento da história cultural na segunda metade do século XX. Onde novas abordagens e campos de conhecimentos passaram a ser analisados e explorados metodologicamente. Pois, ambas são reconfigurações do tempo, da realidade, da imaginação, tratam-se como distintas formas de abordar o mundo, entender o passado, rever o presente e pensar o futuro. Também constituem, em comunhão, diferentes estratégias narrativas que representam as inquietações de uma época, de um povo, de uma sociedade, os medos, os anseios, e as visões particulares de cada período histórico.

Neste caso, a obra “Terra das Mulheres”, de Charlotte Perkins Gilman,²¹⁷ contextualizou em sua abordagem literária os problemas sociais de sua época, isto é, a década de 1900. Por meio de um esforço imaginativo, personificou um sistema político, econômico e social que questionou a realidade, propondo a igualdade entre os gêneros. Sobretudo, em um país onde o público feminino tornou-se líder matriarcal e provedor de um estilo de vida singular voltado para a autossuficiência de seu povo unicamente constituído por mulheres de distintas idades, fisionomias e intelectualidades.

Para Corrêa,²¹⁸ ao descrever os pensamentos da autora Charlotte Perkins Gilman representadas no livro em questão, refere-se como sendo relacionado a busca pela igualdade entre homens e mulheres, em relação aos direitos civis e suas necessidades de sobrevivência e liberdade de expressão.

²¹⁶ PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História e História Cultural**. 2. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

²¹⁷ GILMAN, Charlotte Perkins. **Terra das Mulheres**. Tradução: Flávia Yacubian. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

²¹⁸ CORRÊA, Renata. Prefácio. In: GILMAN, Charlotte Perkins. **Terra das Mulheres**. Tradução: Flávia Yacubian. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.



No enredo da obra literária, o contato entre as ideologias da sociedade ocidental presente nos aventureiros e o novo país, que foi palco da sua empreitada, nota-se que os problemas da desigualdade de gênero em seu tempo são postos em xeque e visto como vergonha, e em outros momentos, como orgulho pelos personagens masculinos. Tornam-se, pontos de partida para questionamentos em relação à condição de vida da mulher em meio a expressão do poderio dos homens como sujeitos ativos e dominantes.

Portanto, tem-se como problemática a seguinte questão: como foram incorporadas as representações do que seria o patriarcado ocidental e as discrepâncias de gênero no enredo do livro “Terra das Mulheres”, de Charlotte Perkins Gilman? Considerando o objetivo geral como sendo analisar as problematizações relacionadas as disparidades entre as relações masculinas e femininas feitas pelos personagens ao longo da sua obra literária.

Assim como, também considerando os objetivos específicos do presente artigo sendo eles: especificar a igualdade feminina exposta ao longo do enredo fictício, descrever as especificações do patriarcado ocidental presente na literatura ficcional em questão e identificar as concepções do movimento feminista presente na literatura fictícia abordada.

Conforme Hooks,²¹⁹ o desenvolvimento de uma sociedade igualitária em termo de gênero e direitos sociais, econômicos e políticos passou a ser uma luta do público feminino, sobretudo, no século XX, contrário ao predomínio do pensamento patriarcal. Este último, por sua vez, difundia que as mulheres, tanto físico como mentalmente, eram vistas como inferiores aos homens e suas funções estavam ligadas principalmente aos trabalhos domésticos.

Um anseio utópico que também esbarrou na crítica social aos padrões ocidentais de tratamento dos integrantes de suas sociedades ao expor os contrastes entre ambos os gêneros na obra fictícia “Terra das Mulheres”, de Charllotte Perkins Gilman. Conforme Hooks, ainda é motivo de luta contemporânea por melhorias e pela dignidade na condição de vidas das mulheres, pelo direito a independência pessoal, pela equidade salarial, pela liberdade, dentre outros.²²⁰

²¹⁹ HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução: Ana Luzia Libânio. 1.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. Disponível em: <https://eventos.uece.br/siseventos/processaEvento/evento/downloadArquivo.jsf;jsessionid=8E65CEC88575C950C8A94D6FA1D87AA3.eventoss2?nomeArquivo=67803062021193913.pdf&diretorio=documentos&id=678&contexto=ciclododebatesfeminismo2021>. Acessado em: 18 jan. 2021.

²²⁰ HOOKS, 2018.



Contrastando com a realidade apresentada no livro e em suas concepções igualitárias entre gêneros. Um pressuposto reivindicado na contemporaneidade e fruto de debates entre diversas mulheres por uma sociedade mais representativa e igualitária e menos patriarcal e desigual. Um mundo fictício que representou as necessidades ideológicas imediatas do público feminino em seus anseios e representações utópicas de um universo menos discrepante em termo de gênero e desrespeito.

História, Poder e Utopia igualitária: sociedade e representação do feminino na obra literária “Terra das Mulheres”, de Charlotte Perkins Gilman

Ainda no início do século XX, a autora Charlotte Perkins Gilman, publicou o livro “Terra das Mulheres”, no ano de 1915. Esta obra propõe em seu enredo abordar uma sociedade utópica, em as mulheres tem plena liberdade para desenvolvem-se em termos sociais, políticos, econômicos e culturais. Assim como, também possuíam independência individual para administrar o país em questão e a segurança. Bem como, a sistematização da educação foi administrada apenas por mulheres, sem a presença masculina.

A obra fictícia foi dividida em doze capítulos, nos quais foram descritas as narrações de três homens, aventureiros e exploradores, ávidos por explorarem novas terras. E principalmente pelo anseio em conhecerem um país habitado unicamente por mulheres após descobrirem sua existência com os moradores próximo a região.

Ao longo da narrativa, pode-se perceber, conforme Matiolevitz, uma tênue divergência entre as percepções individuais de cada sujeito em relação à sociedade que adentraram.²²¹ Um misto de sensações e preconceitos que aglutinaram pensamentos padrões da sua região de origem, isto é, os Estados Unidos da América, com a percepção predominantemente feminina da “Terra das Mulheres”. Possibilitado pelas críticas aos costumes vigentes no mundo Ocidental e a comparação entre os dois modelos sociais expressos nos diálogos entre os estrangeiros e as nativas.

Logo, uma região governada apenas pelo público feminino, onde a liberdade, autonomia e o respeito entre os membros de seu agrupamento coletivo tornaram-se uma realidade em detrimento de uma realidade ainda marcada pela violência e a desigualdade

²²¹ MATIOLEVITCZ, Cássia Silva. **Herland: Utopia e Feminismo em Charlotte Perkins Gilman.** Trabalho de conclusão de curso (Dissertação /Mestrado). Curso de Pós-Graduação Strictu Sensu (Mestrado Acadêmico) Estudos Literários, Faculdade de Ciências Sociais, Aplicadas e Linguagem, Campus Tangara da Serra, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2018. Disponível em: http://portal.unemat.br/media/files/Dissertacao_final-Cassia%20Silva%20Matiolevitz.pdf. Acessado em: 31 jan. 2022.



de gênero presente nas sociedades ocidentais. A autora Charlotte Gilman se utilizou de seus ideais pessoais de independência feminina para idealizar uma nação igualitária constituída por mulheres²²².

A introdução do público feminino, segundo Hooks,²²³ como objeto de estudo na História ocorreu pela insuflada necessidade que os movimentos coletivos, iniciados ainda no século XIX, incorporaram as suas causas particulares. Assim como, o sufrágio feminino e o direito ao mercado de trabalho com oportunidades iguais ao público masculino. Foram essas necessidades que encabeçaram o desenvolvimento de diversos e heterogêneos movimentos sociais liderados pelas mulheres pelo direito em integrar uma sociedade mais democrática e igualitária, como o movimento sufragista, no século XIX, e o próprio feminismo, no século XX, “[...] como um programa para dar voz às mulheres, para construir espaços para que as mulheres falem”.²²⁴

A “Terra das Mulheres”, idealizado no romance de Charlotte Gilman,²²⁵ pode ser caracterizado como uma região onde o desenvolvimento econômico, social e político tem como figura central o público feminino. Por sua vez, está característica foi o motivo que despertou para uma missão exploratória composta por três homens: Terry O. Nicholson, rico e interessando em explorar terras desconhecidas, Jeff Margrave, médico e Vandyck Jennings, sociólogo. Tratava-se de aventureiros e exploradores em busca de desbravar terras desconhecidas. Inicialmente, foram responsáveis pela narração da história, especialmente o último sujeito mencionado. No qual, atuou como narrador da maioria dos acontecimentos nessa lendária viagem.

Em uma das suas andanças, os jovens aventureiros depararam-se com a história narrada por vários nativos de uma região inóspita. Onde constavam a existência de um país, distante do mundo ocidente e localizado em uma região pouco conhecida. Mas que era habitado apenas por mulheres. Segundo Gilman, nas descrições do personagem Vandyck Jennings:

[...] conforme avançávamos rio acima, em um emaranhado sombrio de flumens, lagos, pântanos e florestas densas, aqui e ali um comprido pico inesperado emergia das montanhas além, notei cada vez mais que os selvagens contavam uma história sobre uma estranha e terrível Terra das Mulheres, no alto. ‘Lá no alto’, ‘Ali em cima’, ‘Bem para lá’ – eram as únicas direções que

²²² GILMAN, 2018.

²²³ HOOKS, 2018.

²²⁴ PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, História e poder**. Rer. Social. Polít. Curitiba, v.18, n. 36, p. 15-23. jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZNcSBf5r>. Acessado em: 01 fev. 2022. p. 15.

²²⁵ GILMAN, 2018.



foram capazes de dar, mas as lendas concordavam em um ponto: havia um estranho país sem homens, onde viviam apenas mulheres e meninas.²²⁶

Logo, as poucas descrições da localização da “Terra das Mulheres” fizeram com que se despertasse a curiosidade dos aventureiros. Visto que a existência de uma região habitada exclusivamente pelo público feminino parecia, no mínimo, uma descoberta surpreendente. Porém, conforme Gilman, na descrição realizada pela população local nos diálogos: “não era lugar para homens, perigoso. Alguns tinham ido ver, nenhum tinha voltado”.²²⁷

No entanto, a existência de uma região habitada unicamente por mulheres pareceu ainda mais atrativo, mesmo em meio aos receios da população local. Pois, para os três aventureiros seria improvável que a existência da mesma. Visto que eles não admitiam que o público feminino fosse capaz de montar e desenvolver uma sociedade sem a presença masculina. Segundo Gilman, nas descrições do personagem Vandyck Jennings:

– Admitindo o improvável – começávamos solenemente, e depois entrávamos na discussão outra vez. – Elas brigariam entre si – insistiu Terry. – Sempre brigam. Não vamos encontrar espécie alguma de ordem ou organização. – Está totalmente errado – retrucou Jeff. Será como um convento sob a direção de uma abadessa, uma irmandade pacífica e harmoniosa. Eu escarnei da ideia. – Freiras, claro! Suas irmandades pacíficas são todas celibatárias, Jeff, e sob os votos de obediência. Essas são apenas mulheres, e mães; onde à maternidade não há irmandade... não muita. – não, senhor...elas vão brigar – concordou Terry – E também não devemos esperar invenções e progresso; será totalmente primitivo.²²⁸

Para os aventureiros, a existência de uma sociedade administrada e composta apenas por mulheres seria pouco provável. Visto que sua existência pressuponha, para eles, em uma espécie de caos ou uma irmandade religiosa. E ainda atentam para a impossibilidade de serem vistos progressos científicos e tecnológicos em uma sociedade feminina. Na visão dos sujeitos masculinos, a existência de um país habitado por mulheres seria em meio a desordem ou a extrema ordenança ou até mesmo sem progresso e caracterizando-o como primitivo.

E ainda admitiram que seriam espécies de reis em meio a sociedade feminina. Segundo Gilman, nas descrições de Terry Nicholson: “– Vocês verão – insistiu ele. – vou fazer amizade com todas e jogar um grupo contra o outro. Serei eleito rei rapidamente. Ufa! Salomão vai ficar para trás!”.²²⁹ Portanto, o personagem tinha a impressão, pelo fato

²²⁶ GILMAN, 2018, p. 15.

²²⁷ GILMAN, 2018, p. 18.

²²⁸ GILMAN, 2018, p. 23.

²²⁹ GILMAN, 2018, p. 23.



de ser um homem em meio a um coletivo composto apenas por mulheres, seria visto como rei e teria suas vontades atendidas prontamente.

No entanto, admitindo que incorporavam representações preconceituosas sobre o feminino de sua época, o narrador Vandyck Jennings expressa, conforme Gilman, o ideário do duplo feminino, ou seja, por um lado seriam idealizadas como românticas, frágeis e sentimentais, mas por outro lado seriam vistas como: “[...] mulheres bonitas eram apenas um jogo, e as sem graça não valiam nem consideração”.²³⁰

Antes de adentrarem no território do país das mulheres, os aventureiros fizeram uma varredura aérea, e constaram que existiam cidades, campos e avistaram apenas uma população composta pelo público feminino. Fatores que aumentaram as suas curiosidades e sentindo-se embaçados, afirmaram que se tratava de uma região civilizada, mas não admitiram a inexistência de homens no território observado. Nas descrições de Vandyck Jennings, segundo Gilman: “–Nossa! – exclamou Terry depois de um tempo. – Só mulheres... e crianças –acrescentou Jeff, agitado. – Mas parecem...oras, é um país civilizado! – protestei, –Deve haver homens. – Claro que há homens – disse Terry. – Vamos lá, encontrá-los”.²³¹

Pelas experiências pessoais dos sujeitos em questão, a existência de uma civilização implicava a presença de homens em meio ao progresso. Portanto, ao notarem apenas mulheres e crianças, começaram a desacreditar na existência apenas feminina. Pois, um conglomerado urbano habitado exclusivamente pela presença do público feminino levava a considerarem que seria pouco possível a ausência de homens, pelo menos em termo de reprodução biológica.

No entanto, ao adentrarem no País das Mulheres, trazem consigo a ideia de que precisavam de segurança, pois temiam a represaria dos supostos homens que nela habitavam. Para tanto, levavam estoques de cartuchos para eventuais surpresas desavisadas. Para Terry O. Nicholson, conforme Gilman:

– Podem ser poucos, e podem estar escondidos...uma espécie de matriarcado, como diz o Jeff; portanto, podem morar nas montanhas longínquas e manter as mulheres nesta parte do país... um tipo de harém nacional! Mas há homens em algum lugar... não virão os bebês? Tínhamos visto bebês, crianças pequenas e grandes, em toda parte da qual chegamos perto o suficiente para distinguir pessoas. E embora pelas vestes não pudéssemos ter certeza a respeito dos adultos, não houve indicação clara de homem algum.²³²

²³⁰ GILMAN, 2018, p. 24.

²³¹ GILMAN, 2018, p. 27.

²³² GILMAN, 2018, p. 30.



Pode-se perceber que a descrença na existência de uma região habitada unicamente por mulheres parecia um absurdo diante da existência de crianças. Percepção que produziu nas mentalidades dos aventureiros, deduções imaginativas a respeito da divisão entre as terras habitadas por homens e outra pelo público feminino. Os sujeitos em questão, demonstram apego as concepções femininas criadas e desenvolvidas na sua região de origem, ou seja, os Estados Unidos da América. Em contraste, com o período em que a luta pelo sufrágio feminino e pelo direito ao mercado de trabalho formal eram propostas nos movimentos sociais liderados por mulheres, especificamente no início do século XX, justamente no momento em que se passa a história em questão.

Porém, ao adentrarem na região, depararam-se com a mais completa estrutura civilizatória em pleno desenvolvimento urbanístico e produtividade agrícola. Em meio a uma harmoniosa organização urbana, próximo a mata, avistaram três jovens denominadas como: Celis, Alima e Ellador. Em um gesto pouco ortodoxo, um dos aventureiros chamando Terry Nicholson, ofereceu um objeto vistoso parecido com um colar de pedras preciosas, mas uma bijuteria para ludibriá-las e tentar uma aproximação forjada. Conforme Gilman:

– Precisamos usar isca – sorriu Terry. – Não sei quanto a vocês, rapazes, mas eu vim preparado. – Ele pescou do bolso interno uma caixinha de veludo roxo, que se abria com um estalo, e de lá retirou um objeto comprido e brilhante, um colar de pedras grandes multicoloridas, que valeria um milhão, se fosse real. Ele o ergueu, balançou, reluzindo sob o sol, e ofereceu à primeira, depois, à outra, apresentando-o o mais longe que seu braço alcançava para a garota mais próxima. Ele permaneceu agarrado à forquilha, segurando firmemente com uma das mãos – a outra balançava a tentação colorida, esticada bem ao longo do galho, mas não totalmente dentro de sua capacidade.²³³

Dessa forma, utilizou de um objeto vistoso para tentar ludibriar as jovens mulheres. Como se fossem capazes de serem enganadas pelo simples direcionamento de olhares para um colar chamativo. Em seguida, passasse a desejá-lo intensamente. Mesmo assim, as boas intenções do sujeito em questão, mostraram-se apenas aparente. Em seguida, uma das moças tocou na isca, e teve seu punho quase agarrado, mas por um instante conseguiu escapar do aventureiro Terry Nicholson e sua tentativa de aprisioná-la.

A partir de então, passaram a serem perseguidas pelos três homens, mas não conseguiram alcançá-las. No entanto, para o personagem Terry Nicholson que não admitiu o erro ao tentar enganá-las e ainda afirmou: “[...] elas esperavam por isso.

²³³ GILMAN, 2018, p. 34.



Mulheres gostam que corram atrás delas”.²³⁴ E continuou a brucejar: “[...] os fracos não conquistam as damas”.²³⁵

No entanto, os sujeitos masculinos puderam perceber ao adentrarem na “Terra das Mulheres”, uma cuidadosa organização do espaço rural e urbano. Segundo o personagem Vandyck Jennings: “havia ali evidentemente um povo altamente qualificado, eficiente, que cuidava de seu país como um florista cuida de sua orquídea mais valiosa”.²³⁶ A paisagem ao seu redor exaltava a beleza e a calma do cuidado e da atenção diária de suas habitantes.

Contudo, o que parecia um estímulo para a diversão e a curiosidade dos aventureiros, mostrou-se ser o oposto. Na medida em que não foram recebidos como herói ou ídolos como imaginavam, mas como prisioneiros. Visto que suas perspectivas de fáceis recepções foram destruídas ao encararem a realidade. Para Terry Nichelson: “Pensávamos que, se houve homens, poderíamos enfrentá-los, e que se houvesse apenas mulheres...bem, não haveria obstáculo algum”.²³⁷

Iludidos pela visão masculina de superioridade e considerando-as como frágeis e brandas, depararam-se com mulheres fortes, firmes e “[...] cidadãs duronas, reunidas apressadamente para resolver uma necessidade comum ou perigo [...]”.²³⁸

Em uma última tentativa de alcançar a liberdade, os três sujeitos masculinos combinaram em correrem após Terry Nichelson atirar para o alto com uma arma de fogo. Porém, foram aplacados rapidamente antes que pudessem tentarem qualquer reação de fugas. Conforme descrição do mesmo personagem foram: “[...] agarrados por cinco mulheres, cada uma segurando braço, perna ou cabeça; fomos erguidos feito crianças, crianças de colo indefesas, e carregados para a frente, nos remexendo, mas sem efeito”.²³⁹ Foram encarcerados em uma prisão que mais parecia uma oferta generosa pelas anfitriãs do que um aprisionamento tal qual os aventureiros imaginavam que seria.

Como verdadeiros convidados e não como invasores foram induzidos a adentrarem em um percurso de ensino e troca de aprendizagem mútua que abarcava a história e cultura do País das Mulheres, assim como os conhecimentos que cada um possuía acerca de sua região de origem, isto é, os Estados Unidos da América,

²³⁴ GILMAN, 2018, p. 35.

²³⁵ GILMAN, 2018, p. 35.

²³⁶ GILMAN, 2018, p. 36.

²³⁷ GILMAN, 2018, p. 40.

²³⁸ GILMAN, 2018, p. 42.

²³⁹ GILMAN, 2018, p. 43.



especificamente sobre o seu Estado em comum, a Califórnia. Pois, conforme Jeff: “– É melhor do que ficarmos retidos – Jeff filosofou quando estávamos a sós. Temos nosso próprio quarto...com pouca chance de fuga...pouca liberdade...sempre acompanhados. Melhor do que teríamos em um país de homens”.²⁴⁰

Os exploradores adentraram em um período de enriquecimento intelectual ao trocarem conhecimentos e aprendizagens com as habitantes dessa região. Estas ações vão ressaltar, sobretudo, as diferenças entre as populações de ambas as sociedades. Principalmente o papel que as mulheres estadunidenses desempenharam, ou seja, seu distanciamento do convívio social público em detrimento da vida doméstica, o preconceito e o violência feminina em comparação com as habitantes da sociedade feminina encontrada pelos aventureiros. Visto que um dos estrangeiros chamado Jeff salientou que: “– Elas parecem não perceber que somos homens – continuou ele. – Tratam-nos...bem...como tratam umas às outras. É como se sermos homens fosse um detalhe menor”.²⁴¹

Neste contexto, cabe o pensamento de Beauvoir²⁴² sobre a percepção que um indivíduo tem ao adentrar um novo espaço sociopolítico e cultural distinto, ou seja, a dualidade do Eu e do Outro. Ou melhor, nenhuma coletividade se define sem uma breve comparação diante do outro e de si mesma. Ainda, segundo Beauvoir, em relação a formação social que:

Nenhuma coletividade se define nunca como Uma sem colocar imediatamente a Outra diante de si. Basta três viajantes reunidos por acaso num mesmo compartimento para que todos os demais viajantes se tornem “os outros” vagamente hostis. Para os habitantes de uma aldeia, todas as pessoas que não pertencem ao mesmo lugarejo são ‘outros’ e suspeitos; para os habitantes de um país, os habitantes de outro país são considerados ‘estrangeiros’. Os judeus são ‘outros’ para o anti-semita, os negros para os racistas norte-americanos, os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários.²⁴³

A autora utilizou a alegoria dos viajantes para expressar como ocorre o contato entre grupos de indivíduos ao adentrarem em um espaço coletivo totalmente distinto de sua realidade. Podendo serem chamados de estrangeiros e o povo visitado seriam os nativos. Sob uma visão externa do corpo social, teriam como ideia a figura do outro, daquele visto pela ótica do medo, da temeridade e do receio. Funcionando ainda como

²⁴⁰ GILMAN, 2018, p. 50.

²⁴¹ GILMAN, 2018, p. 52.

²⁴² BEAUVIOR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução: Sérgio Milliet. 4.ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. Disponível em: <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2018/03/beauvoir-o-segundo-sexo-volume-11.pdf>.

Acessado em: 30 jan. 2022.

²⁴³ BEAUVIOR, 1970, p. 11.



sistema de oposição entre o que pensam com certo e aqueles que imaginam com errados, ou ainda, pode ser visto como um reduto da ignorância. A hostilidade em relação a qualquer expressão que não seja do seu habitual e corriqueiro estado cultural de origem, ou seja, define-se “[...] como Outro pelo Um definindo-se como Um”.²⁴⁴

Justamente neste contexto supracitado, que a compreensão da realidade encontrada nessa sociedade feminina, foi sendo, pouco a pouco, se tornando tênue entre a bagagem cultural dos três sujeitos aventureiros estadunidenses com a real situação que encontram na região. A partir de então, encontraram uma rotina que vai revelar como realmente as mulheres foram tratadas em suas relações sociais de origem americana em contraste com a construção social presente no País das Mulheres.

Logo, tornou-se um oportuno ensejo para discutir questões que vão desde a igualdade de gênero, as relações de opressão e violência em relação ao público feminino. E a necessidade de rever esses paradigmas e estabelecerem novos parâmetros que proponham uma reflexão crítica acerca da realidade dos papéis das mulheres na sociedade do início do século XX.

Nesse contexto, os movimentos feministas ainda estavam em seu período inicial, o livro “Terra das Mulheres”, de Charlotte Perkins Gilman, abriu caminho para várias gerações despertarem o debate acerca da condição feminina nas sociedades ocidentais, principalmente por abordar temas, por meio do contexto e de seus personagens, que vão desde a violência física e psicológica ao estigma de inferiorizar a mulher em detrimento do público masculino. Definidos pelo histórico de submissão em relação aos homens que foi imposto e sujeitado a população feminina em relação a masculinidade dominante.

Expressão imagética do irreal, olhares no passado e no presente: as representações patriarcais na obra “Terra das Mulheres”, de Charlotte Perkins Gilman

O patriarcado, conforme Scott²⁴⁵, pode ser expresso como a diferenciação sexual transformada em conhecimento cultural, os efeitos do sistema de dominação masculina em relação a mulher e consequentemente da posição inferior e submissão legada ao público feminino nessas circunstâncias. Não somente o tratamento psicológico, mas a

²⁴⁴ BEAUVIOR, 1970, p. 12.

²⁴⁵ SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. (Biblioteca Básica). Disponível em: https://www.academia.edu/14467883/A_Escrita_da_Hist%C3%B3ria_Peter_Burke. Acessado em: 01 fev. 2022.



violência física, emocional e a discrepância em termo de posição da sociedade também são fatores que compõem a percepção patriarcal no espaço privado e público, definido identidade ou papéis separados para ambos os sexos que abarcam toda a esfera social.

As relações entre os gêneros, segundo Hooks, também se constituem marcadas por prerrogativas pré-estabelecidas ao longo da história.²⁴⁶ Legado as mulheres o papel de coadjuvante ou até mesmo nenhuma participação. Porém, este paradigma ao longo do século XX, e em virtude dos movimentos contrários a essa perspectiva, tanto no espaço público como no seio dos lares e na vida familiar, foram tornando-se palcos de reviravoltas e transformações em meio a exclusão estipulada pelo patriarcado.

Em relação a posição feminina na sociedade, fazem-se presente nas várias manifestações culturais, sociais, políticas e econômicas, as representações do cotidiano que expressão a discriminação e a violência, física ou psicológica, que ainda se faz permanente e são expostos pelas variadas formas de denúncia, direta ou indiretamente, inclusive em livros fictícios ou relatos reais. No qual, as vezes femininas são expostas e despertadas em seus vários contextos e distinções de raça, etnia, classe e sexualidade.

Neste contexto, a literatura mostrou-se uma importante aliada na construção de uma linha de pensamento voltada para analisar o papel da mulher na sociedade. Mesmo abordando-a através da perspectiva utópica como o caso do livro “Terra das Mulheres”, de Charlotte Perkins Gilman. No qual, contrastou uma análise entre a organização social feminina representada pelo País das mulheres e o padrão presente nos Estado Unidos da América.

Portanto, serviu-se dos resquícios do pensamento patriarcal ainda fixados na região estadunidense para abordar uma utopia. No qual, as mulheres não eram vistas pela ótica do patriarcado, mas autônomas, companheiras solidárias e livre de todo e qualquer paradigma pejorativo e depreciativo representados pelo patriarcado e pela suposta inferiorização feminina. Pois, a escrita é “[...] não é só para o indivíduo; não é só um marco da compreensão do próprio indivíduo. Ela é também um mapa para aqueles que virão depois de nós”.²⁴⁷ Em relação ao potencial das histórias fictícias para entender a história real, segundo Estés:

As histórias conferem movimento à nossa vida interior, e isso tem importância especial nos casos em que a vida interior está assustada, presa ou encurralada. As histórias lubrificam as engrenagens, fazem correr a adrenalina, mostram-nos a saída e, apesar das dificuldades, abrem para nós portas amplas em

²⁴⁶ HOOKS, 2018.

²⁴⁷ ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Tradução: Waldéa Barcellos. 1.ed. Rio de Janeiro; Rocco, 2018. p. 28.



paredes anteriormente fechadas, aberturas que nos levam à terra dos sonhos, que conduzem ao amor e ao aprendizado, que nos devolvem à nossa verdadeira, vida de mulheres selvagens e sagazes.²⁴⁸

A autora enfatizou em seus pensamentos críticos, que a literatura fictícia faz uso em suas narrativas de temas que abordam as questões do cotidiano, como problemas ou anseios, de um personagem ou um grupo de indivíduos em seu contexto sociopolítico e histórico. A partir da incorporação de fatores sociais, políticos e econômicos no espaço imaginativo e na construção do enredo literário que envolve, no caso da perspectiva feminina, a um mundo imaginativo em que se apresente uma nova perspectiva e uma forma de denúncia da realidade concreta e corruptiva, ao expor a opressão, exploração e dominação masculina.

Nesse aspecto, a obra literária “Terra das Mulheres”, de Charlotte Perkins Gilman, abordou em sua narrativa a dualidade entre as abordagens históricas, sociais, políticas e culturais²⁴⁹ da sociedade feminina e dos Estados Unidos da América, completamente distintas. No qual, o seu contato gerou questionamentos acerca da realidade social da mulher e do seu papel nas sociedades ocidentais.

Neste caso, conforme Dauphin,²⁵⁰ a dominação masculina é uma expressão utilizada na sociedade ocidental para definir as relações de desigualdades entre os gêneros, da exclusão feminina da livre expressão de seu protagonismo social ao transformá-la em indivíduo pertencente ao âmbito doméstico. Fatores que estavam ligados a discrepância socioeconômica presente nas concepções dos gêneros e dos modos de reprodução social. Influenciado inclusive a divisão trabalhista no mundo assalariado, onde a remuneração feminina pode ser tratada inferior a mão-de-obra masculina.

No livro “Terra das Mulheres”, de Charlotte Perkins Gilman, o processo de socialização entre os três aventureiros e as três representantes femininas, mesmo ainda estando aprisionado pela população local, proporcionou as trocas dos conhecimentos

²⁴⁸ ESTÉS, 2018, p. 34.

²⁴⁹ Segundo Dauphin (2000), a cultura seria o conjunto de práticas, saberes, modos de vida, criados e transmitidos de geração a geração entre os membros de uma sociedade. Sendo constituídos pelos conhecimentos, crenças, valores, artes, normas, condutas, etc., que fazem parte da coletividade humana ou grupo social. Conforme Laraia (2001), são resultados dos modos de interação e formação de um povo em um determinado intervalo de tempo que são herdados das gerações anteriores. Bem como, também podem ser transmitidos ao longo da história, pois são os modos de ver o mundo, absorverem a realidade e lidarem com o futuro e que podem ser múltiplos no decorrer do tempo e das sucessões das gerações.

²⁵⁰ DAUPHIN, Cécile [et al.]. **A história das mulheres, cultura e poder das mulheres**: ensaio de historiografia. GÊNERO: Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero –NUTEG. V. 2. n. 1. Niterói: EdUFF, 2000, p. 7-30. Disponível em: https://www.marilya.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/Documentos/historia_das_mulheres_nuteg.pdf.

Acessado em: 02 fev. 2022.



entre ambos e evidenciaram os padrões dos comportamentos e os papéis sociais do público feminino em cada sociedade abordada e porventura transformou-se em uma crítica a sociedade patriarcal.

Os três sujeitos masculinos ao depararem-se com as mulheres, perceberam inicialmente que a maioria cortava os cabelos em comprimentos curtos. Essa observação, levantou a questão entre eles da suposta ausência de feminilidade nas aparências das jovens, pois “[...] – se o cabelo delas fosse longo – Jeff reclamava – seriam tão mais femininas”.²⁵¹ Ao atribuírem ao público feminino a necessidade da manutenção dos cabelos longos como sendo uma característica particular das mulheres, os jovens aventureiros externavam referências as suas próprias concepções de gênero feminino.

Os três aventureiros também chegaram a questionar a ausência de pelos nas fases das habitantes da “Terra das Mulheres”, pois para Jeff Margrave: “– parece-me que a ausência de homens as tornou mais femininas nessa questão – sugeriu ele”. Todavia, para Terry Nicholson, que comentou a opinião do companheiro, afirmando: “– Bem, só nessa então –Terry concordou relutantemente. – Uma turminha menos feminina, nunca vi”.²⁵² Mais uma vez, o discurso em torno das características que, teoricamente, pertenciam as mulheres surgem em meio aos questionamentos acerca das aparências ou dos comportamentos desenvolvidos pelas habitantes dessa região.

A partir do contato com as tutoras e educadoras sendo respectivamente: Zava, responsável por Jeff Margrave, Moadine, por Terry Nicholson, Somel, encarregada em orientar Vandyck Jennings, os jovens aventureiros passaram a serem educados de acordo com os ensinamentos difundidos na região conhecida como “Terra das Mulheres”. Conforme narração de Vandyck Jennings, os estrangeiros masculinos passaram “[...] a receber educação. Elas trouxeram um mapa em relevo do país, lindamente confeccionado, e aumentamos nosso conhecimento geográfico, mas quando perguntamos sobre a região exterior, elas balançaram a cabeça e sorriram”.²⁵³

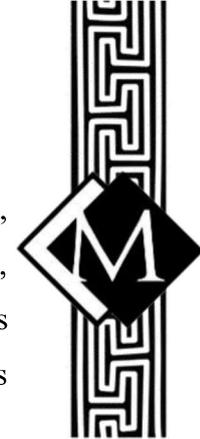
A cada dia que passava, o desejo pela liberdade, entre os aventureiros, fica cada vez mais insustentável. Para o personagem Terry Nicholson: “– liberação! Urrou ele – liberação... como crianças de castigo depois da escola. Eu quero SAIR, e vou fazê-lo. Quero encontrar os homens deste lugar e lutar! Ou as meninas...”.²⁵⁴ Neste contexto, o

²⁵¹ GILMAN, 2018, p. 53.

²⁵² GILMAN, 2018, p. 108.

²⁵³ GILMAN, 2018, p. 56.

²⁵⁴ GILMAN, 2018, p. 57.



personagem expressava raiva e descontentamento com a situação de aprisionamento, mesmo tendo conforto e liberdade para conhecer a produção intelectual, artística, econômica e política da região. Seu desagrado expressava-se em violência, seja com os supostos homens que ele não acreditava nas suas inexistências, assim como contra as mulheres que habitavam o local onde estava preso.

Contudo, sua tentativa de fuga foi sucumbida rapidamente e teve que regressar a prisão. A cada dia, os presos retomaram aos seus estudos. Mesmo assim, a perspectiva de não haver homens naquela região tornava a situação desconfortável para os três aventureiros, principalmente Terry Nicholson ao insistir em atribuir o papel ínfimo ao trabalho feminino. Como o caso narrado por Vandyck Jennings em que afirma: “– Não dá para ter romance inebriante e aventura selvagem sem homens, certo? Perguntei. Nada irritava Terry mais do que admitir que não havia homens; mas que não havia sinal deles nos livros, nem nas ilustrações”.²⁵⁵

Outra questão debatida entre os aventureiros, foi a reprodução biológica em virtude da ausência da figura masculina. Para as mulheres que habitavam essa região, a maternidade era virtuosa e sublime ao ponto de ser posta como representação divina, pois o nascimento infantil resultava de uma necessidade individual de expressar amor e proteção que as jovens desenvolviam. Portanto, não era expresso por todas, mas apenas aquelas que a desejavam e as crianças eram acolhidas pelos cuidados coletivos entre todos os membros sociais.

No entanto, a fraternidade entre as mulheres era vista com desconfiança, pois para Terry Nicholson nos relatos de Vandyck Jennings: “é ‘muito provável’ que mulheres...apenas um grupinho de mulheres...tivesse se unido assim! Sabemos que mulheres não sabem se organizar, que brigam por qualquer coisa, e são tremendamente ciumentas”.²⁵⁶ Esse pensamento, conotou uma ideia patriarcal em que o público feminino não seria capaz de estabelecer uma união passível entre si e organizada em virtude de ser visto como passional ao ponto de não saber atuar em coletivo.

O personagem Terry Nicholson, insistia em afirmar que as mulheres dessa região não eram femininas aos seus moldes ocidentais. Segundo Gilman,²⁵⁷ não possuíam homens em sua sociedade, e, portanto, não teriam desenvolvido características típicas de uma mulher delicada, frágil e submissa. Essa particularidade gerava intriga entre os três

²⁵⁵ GILMAN, 2018, p. 71.

²⁵⁶ GILMAN, 2018, p. 88.

²⁵⁷ GILMAN, 2018.



aventureiros, pois nem todos partilhavam dessa opinião ao afirmarem também que a máxima do feminino estaria em exaltar a maternidade, e não somente o aspecto físico ou comportamental. Para Vandyck Jennings, conforme Gilman:

Quanto à crítica de Terry, era verdade. Essas mulheres, cuja distinção essencial da maternidade era nota dominante de toda a sua cultura, eram muito deficientes no que chamamos de 'feminilidade'. O que me levou à convicção de que os 'charmes femininos' que apreciamos não são nada femininos, mas apenas reflexos da masculinidade – desenvolvidos para nos agradar porque elas precisam nos agradar –, nem um pouco essenciais ao desempenho. Mas Terry não havia chegado à tal conclusão.²⁵⁸

Para o aventureiro, a questão de quais fatores seriam ou não próprios de um comportamento feminino trataria mais de uma concepção masculina, ao invés de uma percepção da mulher. Seria um conjunto de expressões do público feminino voltada ao agrado dos homens, como se fossem uma das suas obrigações na sociedade. Portanto, apresentar-se como frágeis, delicadas, belas, agradáveis em uma conversar, por exemplo, seria um padrão intransponível para a convivência entre ambos os gêneros. Pois, agradariam aos homens e satisfaziam seus padrões de feminilidade almejado socialmente.

Os três sujeitos masculinos, utilizavam de palavreados ofensivos para caracterizá-las ao fazerem menções, por exemplo, a ausência masculina, ao seu estilo de vida pautada na união fraterna e a sociedade maternal. Na visão de Vandyck Jennings, seriam chamadas de “Tias Solteironas”.²⁵⁹

Para Hooks,²⁶⁰ as mulheres foram impelidas pelo pensamento patriarcal a enxergarem-se como inferiores aos homens e para competirem umas com as outras pelo desejo de satisfazerem a aprovação masculina e para controlar os modos de pensar e agir do público feminino. As mudanças ou divergências de paradigmas são marcas pela rebeldia e fortemente reprimidas e desaprovadas.

Como exemplo, o caso da prevenção gestacional. Fator mencionado pelo personagem Vandyck Jennings, ao relatar como seria controlado a natalidade em uma sociedade habitada apenas por mulheres que geravam filhas por autofecundação, acabou racionalizando do seguinte pensamento: “– Mas o que não entendo, naturalmente, é como prevenir. Entendi que cada mulher tinha cinco. Não há marido tirânico para conter...e certamente não eliminam os nascituros...”.²⁶¹ As palavras finais da opinião geraram profundo descontentamento e supressa, pois as habitantes começaram a questionar o

²⁵⁸ GILMAN, 2018, p. 89.

²⁵⁹ GILMAN, 2019, p. 90.

²⁶⁰ HOOKS, 2018.

²⁶¹ GILMAN, 2018, p. 103.



tratamento oferecido a população feminina e o papel masculino dentro da família nas sociedades ocidentais. No qual, os aventureiros faziam parte.

Nesse contexto, os três estrangeiros também chegaram a afirmar que trabalho, físico e intelectual, precisa ser feito pelos homens e em competição, segundo o personagem Terry Nicholson: “– os homens fazem tudo entre nós. – ele endireitou os ombros e expandiu o peito. – Não permitimos que nossas mulheres trabalhem. Mulheres amadas...adoradas...honradas...e que permanecem no lar para cuidar das crianças”.²⁶² Reafirmando assim, as prerrogativas basilares do pensamento patriarcal. No qual, seria papel feminino, único e exclusivo, o trabalho doméstico, o cuidado com os filhos e o bem-estar da família.

No entanto, Vandyck Jennings opõem-se ao amigo e expressou: “Mas Zava implorou:– contem-me primeiro: mulher *nenhuma* trabalha, mesmo? – Ora, sim – admitiu Terry – algumas precisam, as mais pobres”.²⁶³ Ainda segundo o personagem, ao se refere as condições de vida das mulheres, salientou que a população feminina norte-americana, cerca de um terço, pertencia a classe mais pobre, mas ficou subentendido para Moadine, uma das tutoras que “[...] dois terços são aquelas, como você disse tão belamente, ‘amadas, honradas, no lar para cuidar das crianças’”.²⁶⁴ O personagem não chegou a retratar-se a respeito da afirmação da jovem e apenas calou-se em sinal de acordo.

Em relação ao pensamento patriarcal, salientou Del Priore,²⁶⁵ que pobre ou rico, o público feminino cabia-lhe o papel de base para edificar o lar, ou seja, o cuidado com o ambiente doméstico, com os filhos, ajudar e obedecer ao marido. Seria uma santa se segue o padrão corretamente ou um diabo se sai-se do caminho certo. Como exemplificou Terry, um dos personagens, em relação ao trabalho cooperativo feminino para o desenvolvimento da sociedade em questão, pois: “– É impossível – insistia ele. – Mulheres não cooperam... seria contra a natureza delas”.²⁶⁶

Na perspectiva de Vandyck Jennings, ao descer comentários em relação a sua tutora Somel destacou que: “ela era uma alma muito sossegada, que emitia a sensação maternal que um homem aprecia em uma mulher, ao mesmo tempo que fornecia

²⁶² GILMAN, 2018, p. 91.

²⁶³ GILMAN, 2018, p. 92.

²⁶⁴ GILMAN, 2018, p. 94.

²⁶⁵ DEL PRIORE, Mary. **Conversas e histórias de mulher**. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2013. Disponível em: <https://lelivros.love/book/download-historias-e-conversas-de-mulher-mary-del-priore-em-epub-mobi-e-pdf/>. Acessado em: 06 fev. 2022.

²⁶⁶ GILMAN, 2018, p. 99.



inteligência límpida e confiança, características que eu costumava supor masculinas”.²⁶⁷ Para o personagem em questão, o papel da mulher estaria distante da intelectualidade atribuída aos homens. Em outro trecho da narrativa, reafirmou que: “[...] nessa terra pacata e adorável, entre essas mulheres sábias, doces e fortes, nós, com suposta superioridade óbvia, chegamos de repente [...]”.²⁶⁸

A maternidade também foi questionada pelos três sujeitos masculinos. Na visão de Terry Nicholson, a noção materna ocidental estava mais próxima do envolvimento dos: “[...] bebês no regaço ou ‘na barra da saia’, e a completa absorção da mãe pelo dito bebê”.²⁶⁹ Essa percepção, fez como que desconsiderassem o controle de natalidade, a produção intelectual ou industrial, a proteção absoluta a infância que faziam parte do país das mulheres como não sendo próprias aos cuidados maternos. Na visão de Terry Nicholson: “a coisa toda é antinatural, diria impossível, se não estivéssemos aqui. É uma condição antinatural certamente tem resultados antinaturais”.²⁷⁰

Os três aventureiros tinham como percepção que seria impossível a existência de uma sociedade composta apenas por mulheres não ter nenhum defeito. Nesse sentido, Vandyck Jennings expressa-se na seguinte forma: “– Quero encontrar algum defeito em toda essa perfeição – falei abertamente. – É simplesmente impossível que três milhões de pessoas não tenham defeito algum”. Chegou a questionar abertamente perguntando: “poderia nos ajudar dizendo quais são as piores qualidades nessa civilização única?”.²⁷¹

Nesse contexto, os três aventureiros imaginavam que seria fácil adentrar nessa sociedade feminina: “pensamos – ou ao menos Terry pensou – que poderíamos escolher a que quiséssemos entre elas”.²⁷² Tinham a ilusão de que poderiam ser submissas como no comentário seguir: “pensávamos nelas como ‘mulheres’, e, portanto, tímidas; mas havia dois mil anos que não temiam nada, e certamente mais de dois mil anos desde que esqueceram essa sensação”.²⁷³

Mesmo assim, Vandyck Jennings foi um dos aventureiros que ganhou mais destaque. Segundo Somel, uma das tutoras em relação ao sujeito em questão, afirmou que: “– gostamos de você – contou-me Somel – porque se parece mais conosco. – Mais como mulheres! Pensei, desgostoso, e então me lembrei quão pouco elas eram ‘mulheres’

²⁶⁷ GILMAN, 2018, p. 102.

²⁶⁸ GILMAN, 2018, p. 106.

²⁶⁹ GILMAN, 2018, p. 108.

²⁷⁰ GILMAN, 2018, p. 118.

²⁷¹ GILMAN, 2018, p. 118.

²⁷² GILMAN, 2018, p. 127.

²⁷³ GILMAN, 2018, p. 127.



no sentido depreciativo”.²⁷⁴ Pode-se perceber que seria depreciativo ser representado pelas mulheres na sua visão de masculinidade, pois estaria vinculado a fragilidade e a submissão como imaginava originalmente.

Na medida em que os preconceitos ocidentais em relação a mulher não se faziam presente no país feminino, por exemplo, a definição de fragilidade e delicadeza associados a elas não se faziam fatores dominantes. Na verdade, inexistentes, como exemplificou os diálogos a seguir: “quando Jeff falou, pegando a cesta de frutas de sua adorada: – uma mulher não deve carregar nada. Celis replicou com fraco assombro: – por quê? [...] – porque mulheres são mais fracas”.²⁷⁵ E ainda reafirmou segundo Vandyck Jennings: “Ele falou, claudicante, que mulheres não tinham o físico para o trabalho pesado”.²⁷⁶

Para os três aventureiros, tratava-se de uma necessidade própria masculina deixar o trabalho árduo em suas mãos, ao invés de atribuírem as mulheres. Pois, “[...] supomos que a maternidade já seja um fardo suficiente, e os homens devem carregar todos os outros”.²⁷⁷ Nesse sentido, cabia ao público feminino dedicar-se ao “[...]crescimento, conquista de um marido, atividades subordinadas à vida familiar, e perseguir os interesses de sociedade e da caridade que sua posição lhe permitir”.²⁷⁸

Os três sujeitos masculinos ainda tentaram infrutiferamente difundir seus ideais dentro da sociedade feminina, para eles: “nos juntamos a essas mulheres, cheios de ideias, convicções, tradições de nossa cultura, e nos dedicamos a atizar nelas as emoções que – para nós – pareciam apropriadas”.²⁷⁹ Pois, “[...] um homem quer um lar, com a esposa e a família dele”.²⁸⁰

Nesse contexto, cabia a mulher o papel patriarcal relacionado ao cuidado dos filhos e ao ambiente doméstico. Sendo a figura masculina responsável pelo “[...] crescimento, luta, conquista, estabelecimento da família, e quanto mais sucesso em ganho ou ambição for capaz”.²⁸¹ Para Vandyck Jennings, segundo Gilman, os meninos deveriam sonhar em serem soldados ou caubóis e as meninas sonhariam em terem filhos, um lar e planejavam sua vida doméstica e amorosa.

²⁷⁴ GILMAN, 2018, p. 128.

²⁷⁵ GILMAN, 2018, p. 133.

²⁷⁶ GILMAN, 2018, p. 133.

²⁷⁷ GILMAN, 2018, p. 133.

²⁷⁸ GILMAN, 2018, p. 146.

²⁷⁹ GILMAN, 2018, p. 140.

²⁸⁰ GILMAN, 2018, p. 140.

²⁸¹ GILMAN, 2018, p. 146.



Em relação aos relacionamentos entre Terry Nicholson e sua tutora, o trio masculino ainda afirmou: “quanto mais friamente ela o recusava, mais quente era a determinação dele; não estava acostumado com rejeições”.²⁸² Nesse contexto, ele cumpria o papel de homem hostil e violento na medida em que forçava a aproximação mesmo sem consentimento em relação a sua tutora, Alima, e ainda completou: “[...] – Mas nossa hora está chegando – acrescentou alegremente, – Essas mulheres nunca foram dominadas, entendam...concluiu ele, como se estivesse feito uma grande descoberta”.²⁸³ E ainda incluiu Vandyck Jennings que “[...] ele sempre loucamente atraído por ela e ela por ele (ela devia se sentir assim, ou jamais teria suportado o comportamento dele)”.²⁸⁴

No entanto, os três aventureiros concordaram em casar-se com suas tutoras, pois imaginavam tratar-se de uma retribuição generosa a hospitalidade, e ainda afirmaram: “[...] podemos ao menos dar-lhes nossos nomes – insistiu Jeff”.²⁸⁵ Porém, foram duramente reprimidos por uma tutora, ao comentar-lhes: “quanto aos nomes, Alima, alma franca que era, perguntou de que isso valia. Terry, sempre a infernizando, disse que era um sinal de possessão”.²⁸⁶ Mostrando-os que seriam suas esposas, mas elas pouco davam importância a essa percepção amorosa. E ainda questionaram: “[...] e o marido pega o nome de solteira da esposa? – oh, não. – ele riu. – o homem mantém o próprio nome e também o dá para ela”.²⁸⁷

Para o personagem Vandyck Jennings, a concepção feminina do casamento não impostava, pois “a mulher pode ter imaginado diferentes condições de vida matrimonial, mas o que ela imaginou, o que ela ignorava ou o que pudesse ter preferido não importam realmente”.²⁸⁸ Ou seja, para o aventureiro em questão a opinião feminina não importava em uma relação conjugal.

Outro exemplo, demonstrado a opinião de Terry Nicholson em relação a sua tutora tinha como fundamento a seguinte afirmação: “[...] colocou em prática sua convicção mesquinha de que uma mulher adora ser dominada, e, com força bruta, com a paixão e o orgulho de sua masculinidade intensa, tentou dominar aquela mulher”.²⁸⁹ Nesse contexto, o pensamento patriarcal direcionava as mulheres a uma posição inferior. E ainda persistia

²⁸² GILMAN, 2018, p. 143.

²⁸³ GILMAN, 2018, p. 135.

²⁸⁴ GILMAN, 2018, p. 144.

²⁸⁵ GILMAN, 2018, p. 166.

²⁸⁶ GILMAN, 2018, p. 167.

²⁸⁷ GILMAN, 2018, p. 167.

²⁸⁸ GILMAN, 2018, p. 171.

²⁸⁹ GILMAN, 2018, p. 185.



em mostrar-lhes dominância. Segundo o personagem Vandyck Jennings, descrito por Gilman:

Falamos boas coisas das mulheres, mas no fundo do coração sabemos que, em sua maioria, são seres muito limitados. Honramos seus poderes funcionais, embora os desonremos pelo uso que fazemos deles, honramos sua virtude cuidadosamente imposta, mesmo enquanto por nossa própria conduta a desprezamos; valorizamos-las, sinceramente, pelas atividades maternas distorcidas que fazem das esposas as mais acessíveis servas, presas a nós pela vida, com pagamento totalmente decidido por nós, todas as suas atividades, além das temporárias desta maternidade, visando nossas demandas. Oh, como as valorizamos, sim ‘no lugar delas’, que é o lar, onde executam uma variedade de tarefas [...].²⁹⁰

Mesmo diante da população encontrada na região, do testemunho de sua vasta produção econômica, social e política, ainda permanecia entre os pensamentos dominantes na mentalidade dos três sujeitos masculinos, a impressão em que as mulheres eram inferiores, propensas a servidão e aos trabalhos domésticos. Seriam servidoras de seus maridos e filhos, não como pessoas com capacidades cognitivas para desenvolverem suas intelectualidades, mas como espórios da sociedade.

O livro “Terra das Mulheres”, de Charlotte Perkins Gilman, compõe em seu enredo relatos, particularidades e vivências de seus personagens a partir do paradigma do patriarcal em relação a um país onde o público feminino não mais estava limitado ao serviço doméstico ou ao âmbito privado dos lares. Elas seriam senhoras de suas vontades e não dependeriam do apoio e da permissão de seus maridos, filhos ou familiares. Gozavam de plena liberdade e autonomia em um reino onde a igualdade e a irmandade reinavam sob todas as suas habitantes.

Literatura, Mulher e sociedade: concepções do movimento feminista presentes no livro “Terra das Mulheres”, de Charlotte Perkins Gilman

Para Pinto,²⁹¹ ao longo da História Ocidental, as mulheres precisaram lutar contra a condição de submissão e ao padrão de inferiorização em detrimento do público masculino. A autora citou como exemplo o movimento sufragista no final do século XIX. No qual, as inglesas, no período inicial, lutaram pelo direito ao voto feminino. Utilizando-se de greves de fome, passeatas, protestos, boicotes e até mesmo sacrificando suas próprias vidas, como o caso da sufragista Emily Darvison que se atirou à frente de um cavalo da realeza britânica, em plena corrida e teve sua vida cessada.

²⁹⁰ GILMAN, 2018, p. 197.

²⁹¹ PINTO, 2010.



No século XX, os movimentos sociais feministas desenvolveram-se nos primeiros anos e, sobretudo, ao longo da década de 1960. Segundo Pinto, a publicação do livro “Segundo Sexo”, de Simone De Beauvoir,²⁹² tornou-a uma das percussoras da causa feminista, ou seja, da luta contra a discriminação sociopolítica da mulher e a desigualdade de gênero.²⁹³

A década de 1960, também foi um momento decisivo para discutir as questões acerca do direito à sexualidade feminina nas mãos das mulheres por meio do mercado de anticoncepcionais e o seu acesso a todas que desejarem. Incluindo ainda ao início dos anos 1960, o lançamento do livro: “A mística feminina”, de Bettly Friedan,²⁹⁴ uma das intelectuais feministas do século XX.

Os movimentos sociais organizados por mulheres intensificaram, conforme Hooks,²⁹⁵ principalmente nas universidades e instituições de ensino superior em geral ao trazerem para dentro da academia discursos acerca da igualdade de gênero e da maior inserção do público feminino nos espaços públicos e privados.

Tornaram-se âmbitos propícios para as denúncias das desigualdades, os preconceitos que ainda se faziam parte do presente, como: a discrepância social, política e econômica atreladas ao gênero, a inserção da mulher no mercado de trabalho e na própria instituição de ensino e da exclusão feminina do espaço público em detrimento da figura masculina, ou seja, “[...] foram substituídas, subordinadas ou consignadas a uma arena particularizada, menos importante [...]”.²⁹⁶

Conforme Pinto, foi durante a década de 1960 que o pensamento feminista ganhou mais impulso. As organizações femininas na Europa, nos Estados Unidos da América, nos países latinos, orientavam-se em torno dos ideais libertários de participação da mulher nos diversos âmbitos da sociedade, no mercado de trabalho, na vida pública e privada, na educação, através de um novo relacionamento com os homens. Pois, “[...] isto é o que há de mais original no movimento, que existe uma outra forma de dominação – além do homem sobre a mulher [...]”.²⁹⁷

²⁹² BEAUVIOR, 1970.

²⁹³ PINTO, 2010.

²⁹⁴ FRIEDAN, Betty. **Mística Feminina**. Tradução: Áurea B. Weissenberg. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1971. Disponível em: https://catarinas.info/wp-content/uploads/2016/07/Mistica_feminina.pdf. Acessado em: 01 fev. 2022.

²⁹⁵ HOOKS, 2018.

²⁹⁶ SCOTT, 1992, p. 78.

²⁹⁷ PINTO, 2010, p. 16.



Os movimentos organizados por mulheres, conforme Scott, pressupõem a existência do público feminino como categoria social com interesses particulares e não biologicamente definidas e incorporadas aos padrões pré-estabelecidos na sociedade.²⁹⁸ Logo, faz-se necessário a atenção destinada as classes, as raças e as condições sociais, pois os recursos e o poder também influenciam nas discrepâncias socioeconômicas e políticas vinculadas ao gênero.

Nas décadas finais do século XX, o movimento feminista sofreu uma tendência ao processo de profissionalização conforme foi sendo desenvolvido as organizações não-governamentais (ONGs) voltado para atuarem com a intervenção junto ao Estado afim de galgar medidas protetivas para melhores condições de vidas e espaços para as mulheres, principalmente contra a violência doméstica. Pois, “[...] quando uma mulher fala, sua fala tem uma marca: é a fala de uma mulher; quando uma mulher feminista fala, tem duas marcas, de mulher e de feminista”.²⁹⁹

Configurando-se coletivamente com meio para romper com o discurso dominante, conforme Scott, transformando-se em uma formação de identidade, autonomia e buscando emancipação para a construção de novos espaços para atuação política.³⁰⁰ Fazendo-se protagonista na história. Reivindicado para si um protagonismo de resistência, luta e participação ativa na sociedade no espaço público e no privado. Portanto, os “[...] indivíduos do sexo feminino com interesse compartilhado no fim da subordinação, da invisibilidade e da impotência, criando igualdade e ganhando um controle sobre seus corpos e sobre suas vidas”.³⁰¹

O livro “Terra das Mulheres”, de Charlotte Perkins Gilman, tornou-se um exemplo de superação e autocrítica ao papel das mulheres nas sociedades capitalistas. Portanto, seus pressupostos literários foram bases para vislumbrar-se os pensamentos feministas na realidade ficcional.

Nesse contexto, os três aventureiros não sabiam da ausência masculina na região a dois mil anos em virtude de uma sucessão de eventos que levaram a extinção da população masculina. Logo, a organização e o desenvolvimento da sociedade cabiam as mulheres em virtude dos fins trágicos dos homens, segundo Gilman, inicialmente a guerra que levou, conseqüentemente, a morte de vários guerreiros.³⁰²

²⁹⁸ PINTO, 1992.

²⁹⁹ PINTO, 2010, p. 20.

³⁰⁰ SCOTT, 1992.

³⁰¹ SCOTT, 1992, p. 68.

³⁰² GILMAN, 2018.



Posteriormente a sucessão de fenômenos naturais como uma erupção vulcânica e uma série de terremotos resultou em um minguido grupo de pessoas. Dentre eles, estavam homens e mulheres, mas os escravizados rebelaram-se e mataram todos os homens restantes, meninos e mulheres idosas. Restando apenas um grupo de jovens mulheres que aplacaram violentamente os revoltosos. Iniciou-se assim, um período de longo desespero seguido de suicídios entre os membros restantes, porém a maioria não optou por esta saída e decidiram lutar pela vida.

Após dez anos de incansável trabalho e fortalecimento da imanente entre elas, aconteceu um milagre, “[...] uma dessas jovens deu à luz. Claro que todas pensaram que deviria haver um homem por ali, mas não encontraram nenhum”.³⁰³ Orgulhosas de sua surpresa milagrosa fundaram o Templo de *Maia*, referência a Deusa da Maternidade. Conforme o tempo foi passando, novos bebês foram surgindo. Tiveram como consequência a maior aproximação entre suas habitantes para zelarem pelas crianças.

Para esse grupo de mulheres, a instrução educacional seria o principal meio para uma mudança real na sociedade, pois “[...] por mais que as crianças diferissem ao nascer, o crescimento real vinha depois, por meio da educação”.³⁰⁴ Para Hooks, o conhecimento educativo tem como base o despertar de uma consciência crítica para romper com a ignorância e facilitar a difusão de ideias que enfoquem a fraternidade, a igualdade e o respeito.³⁰⁵ O desenvolvimento humano teria como base o saber e a criticidade como fundamento para a construção da sociedade.

Neste contexto, para o personagem Vandyck Jennings, “quanto mais eu aprendia, mais apreciava o que essas mulheres haviam conquistado, e menos orgulho sentia do que nós, com toda a nossa masculinidade, fizéramos”.³⁰⁶ Pois, tratava-se de uma região desenvolvida social e economicamente, não tinham conflitos, governavam a si mesma em comunhão e igualdade, cresciam juntas como irmãs e não competiam entre si.

O personagem Vandyck Jennings, ainda chegou a afirmar que as perguntas que as tutoras faziam a respeito dos Estados Unidos América e do papel da mulher nessa sociedade, deixavam-no envergonhado, pois levantavam pontos que ele gostaria de esconder, tais como: a desigualdade de gênero no mercado de trabalho, a pobreza e as discrepâncias socioeconômicas.

³⁰³ GILMAN, 2018, p. 85.

³⁰⁴ GILMAN, 2018, p. 91.

³⁰⁵ HOOKS, 2018.

³⁰⁶ GILMAN, 2018, p. 91.



Mesmo assim, tentava disfarçar os problemas sociais existentes nos Estados Unidos da América, mas era perceptível o nível intelectual e o desenvolvimento tecnológico da “Terra das Mulheres”, para o personagem Vandyck Jennings: “gabamos do nosso ‘alto nível de inteligência geral’ e nossa ‘educação pública compulsória’, mas, dada a proporção de oportunidades, elas eram bem mais educadas”.³⁰⁷

Com o tempo e a convivência com as habitantes da “Terra das Mulheres”, o personagem Vandyck Jennings passou a afirmar: “[...] elas seguramente apresentavam um nível superior de inteligência ativa e comportamento, até onde podíamos ter entendido”.³⁰⁸ Os sujeitos masculinos, ainda ficaram embasbacados ao descobrirem que “[...] ficamos cada vez mais impressionados com o fato de que tudo isso se tratava de criação; nasciam nisso, eram criadas nisso, que para elas era natural e universal como a gentileza das pombas ou a suposta sabedoria das serpentes”.³⁰⁹

Em relação à agricultura, os três aventureiros teceram diversos elogios ao desenvolvimento e planejamento das suas plantações e inclusive as jovens “[...] perguntaram sobre nossos métodos; e tivemos alguma dificuldade em...bem, em desviar de assunto, referindo-nos à amplitude de nossa terra, sem admitir a forma descuidada como que a tínhamos desnaturado”.³¹⁰ Pois, para Terry Nicholson “[...] claro que elas não entendem o Mundo dos Homens! Não são humanas...são apenas um bando de Fê-fê-Fêmeas!”.³¹¹

Contratando com a visão do personagem Vandyck Jennings ao afirmar: “esperávamos monotonia submissa e tediosa, e encontramos uma inventividade social ousada, muito além da nossa, e desenvolvimento mecânico e científico igual ao nosso”.³¹²

Portanto, a percepção que os três aventureiros imaginavam como seria um mundo governado apenas por mulheres foi rompida ao ponto de perceberem o entre a sua realidade em relação a “Terra das Mulheres”, para Vandyck Jennings: “esperávamos mesquinha, e encontramos consciência social em comparação com a qual nossas nações pareceram crianças briguentas – e birrentas”.³¹³

Deram-se conta de que a percepção no qual as mulheres estavam mais próximas da discórdia por não terem supostamente aptidão ao trabalho coletivo e a convivência

³⁰⁷ GILMAN, 2018, p. 97.

³⁰⁸ GILMAN, 2018, p. 114.

³⁰⁹ GILMAN, 2018, p. 114-115.

³¹⁰ GILMAN, 2018, p. 116.

³¹¹ GILMAN, 2018, p. 116.

³¹² GILMAN, 2018, p. 117.

³¹³ GILMAN, 2018, p. 117.



pacífica com pessoas do mesmo gênero foi reformulado, pois “esperávamos ciúmes, e encontramos afeição irmanada, inteligência correta, da qual não possuímos paralelo”.³¹⁴ E ainda “esperávamos histeria, e encontramos saúde e vigor, temperamento calmo, para o qual o hábito da profanidade, por exemplo, era impossível de explicar – e nós, tentamos”.³¹⁵

Logo, não existiam distinções dos gêneros estabelecidos socialmente, portanto não formaram ao longo do tempo padrões comportamentais propriamente de um gênero em detrimento de outro. Não existia a segregação entre ambos, nem a discrepância nas suas relações sociais, políticas, econômicas e culturais, pois “não havia padrão definido do que era ser ‘ másculo ’ ou ‘ feminino ’”.³¹⁶

Como apontou o personagem Vandyck Jennings: “toda a devoção submissa que nossas mulheres destinam às suas famílias privadas, essas mulheres dedicam ao país e à raça. Toda a lealdade e o serviço que os homens esperam das esposas, elas não davam a homem algum, mas coletivamente uma para a outra”.³¹⁷ Neste aspecto, Gilman, pretendeu chamar atenção para os paradigmas históricos que são postos a figura feminina como algo que corrompe o papel da mulher na sociedade, legando-a ao estigma da submissão e dedicação ao âmbito familiar e ao marido.

Porém, para aquelas mulheres “[...] de mente tão ampla, cujo interesse mental era tão coletivo, as limitações de uma vida totalmente privada eram inconcebíveis”.³¹⁸ Mesmo assim, para Terry Nicholson: “– não têm modéstia – respondeu Terry, – Nem paciência, nem submissão, nada da docilidade natural que é o maior charme feminino”.³¹⁹ Pois, segundo Vandyck Jennings, esse pacifismo e coletivismo solidário respigavam em sua produção bélica, pois “[...] faltava motivação sexual, e, com isso, ciúmes. Não havia interação de nações em guerra, nenhuma aristocracia e suas ambições, nenhuma riqueza oposta à pobreza”.³²⁰

Em relação as crianças, para Vandyck Jennings: “[...] jamais se deparou com a rudeza autoritária comumente demonstrada às crianças. Eram pessoas também, desde o início, e a parte mais preciosa da nação”.³²¹ Segundo Hooks,³²² uma das questões

³¹⁴ GILMAN, 2018, p. 117.

³¹⁵ GILMAN, 2018, p. 118.

³¹⁶ GILMAN, 2018, p. 132.

³¹⁷ GILMAN, 2018, p. 137.

³¹⁸ GILMAN, 2018, p. 141.

³¹⁹ GILMAN, 2018, p. 142.

³²⁰ GILMAN, 2018, p. 144.

³²¹ GILMAN, 2018, p. 145.

³²² HOOKS, 2018.



abordadas pelos pensamentos feministas contemporâneos tratava-se dos cuidados com a educação infantil, pois a expansão do patriarcado também abarcou a formação da infância e adolescência em virtude da reprodução da violência, da submissão legado não somente a mulher, mas a criança. Dentro do seio familiar inicia-se a violência do dominador em relação ao dominado, seja pelo domínio masculino em relação a mulher e os filhos ou da própria mãe em relação aos jovens filhos.

No entanto, os três aventureiros foram sentenciados a partirem em razão da tentativa de violência sexual cometida por Terry Nicholson em relação a sua tutora e esposa. Em punição foi expulso, levando consigo Vandyck Jennings com sua companheira Ellador. Pois, a brutalidade como o aventureiro atacou-a ferindo profundamente o sentimento de irmandade e solidariedade entre as habitantes da *Terra das Mulheres*, visto que “não eram servas. Não eram tímidas, inexperientes, fracas”.³²³

Segundo Matiolevicz, a autora expressou o desejo de muitas mulheres de serem ouvidas mesmo sendo através de um narrador-personagem masculino, e que acabou expressando vergonha do tratamento ofertado ao público feminino em sua sociedade em comparação com a realidade encontrada na “Terra das mulheres”, “[...] logo, esta comunidade estava supostamente livre de características machistas e representa a luta por um espaço de realização, de liberdade para executarem suas atividades como desejarem [...]”.³²⁴ Para o personagem Vandyck Jennings “[...] minhas vidas preconcebidas foram tão abaladas que nunca chegaram a ser restabelecidas”.³²⁵

Conclusão

A autora Charlote Perkins Gilman, ao longo de sua produção literária utópica apresentada nesse artigo, descreveu um enredo fortemente marcado pelo pensamento patriarcal contrastado com uma sociedade fictícia feminina. No qual, elas tinham plena liberdade de atuação e desenvolvimento.

A partir desse contraste e da atuação de seus personagens, especialmente pela narração de Vandyck Jennings, foi possível vislumbrar as diferenças entre a maioria das sociedades ocidentais em termos de gêneros. Acentuando paliativamente o tratamento outorgado as mulheres, sobretudo ao padrão difundido. No qual, elas estão destinadas ao ambiente doméstico, a submissão e a reclusão privativa aos cômodos de suas casas.

³²³ GILMAN, 2018, p. 197.

³²⁴ MATIOLEVICS, 2018, p. 20-21.

³²⁵ GILMAN, 2018, p. 149.



Nota-se que abordar essas questões em um ambiente de ausência dessas prerrogativas permitiu vislumbrar um mundo repleto de preconceitos e violências em relação as mulheres. Se o privado dos lares as enclausurou, foi através da luta por uma vida livre e autônoma que permitiu a construção histórica feminina. E a exposição indireta em uma produção literária possibilitou expor os padrões aceitos e difundidos como sendo fatores que corrompem e deturpam a realidade almejada pelos movimentos feministas.

Entre o real e o imaginado, a ficção ganha vida e espaço para a difusão de perspectivas, anseios e problematizações acerca da realidade. Uma realidade em que a igualdade de gênero se mostra como uma vantagem que possibilitassem melhorias nas condições de vidas.

Uma utopia feminina, onde mulheres são livres e independentes entre si após o contato súbito com três homens que carregavam consigo seus preconceitos e seus padrões pessoais de comportamentos e aparência feminina, tornou-se um meio para despertar, em seus leitores, os medos, os anseios e as necessidades que o público feminino lutou ao longo da história e em seu dia a dia pela igualdade, justiça e respeito em uma marcada pelo pensamento patriarcal que forma vítimas constantes de sua violência e aversão a metamorfoses em seus paradigmas.

Data de Submissão: 10/03/2022

Data de Aceite: 22/05/2022

Referências

BEAUVIOR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução: Sérgio Milliet. 4.ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. Disponível em: <https://joocamillopenna.files.wordpress.com/2018/03/beauvoir-o-segundo-sexo-volume-11.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2022.

CORRÊA, Renata. Prefácio. In: GILMAN, Charlotte Perkins. **Terra das Mulheres**. Tradução: Flávia Yacubian. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

DAUPHIN, Cécile [et al.]. **A história das mulheres, cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia**. GÊNERO: Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero –NUTEG. V.2. n.1. Niterói: EdUFF, 2000, p.7-30. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/Documentos/historia_das_mulheres_nuteg.pdf. Acesso em: 02 fev. 2022.



DEL PRIORE, Mary. **Conversas e histórias de mulher**. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2013. Disponível em: <https://lelivros.love/book/download-historias-e-conversas-de-mulher-mary-del-priore-em-epub-mobi-e-pdf/>. Acesso em: 06 fev. 2022.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Tradução: Waldéa Barcellos. 1.ed. Rio de Janeiro; Rocco, 2018.

FRIEDAN, Betty. **Mística Feminina**. Tradução: Áurea B. Weissenberg. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1971. Disponível em: https://catarinas.info/wp-content/uploads/2016/07/Mistica_feminina.pdf. Acesso em: 01 fev. 2022.

GILMAN, Charlotte Perkins. **Terra das Mulheres**. Tradução: Flávia Yacubian. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução: Ana Luzia Libânio. 1.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. Disponível em: <https://eventos.uece.br/siseventos/processaEvento/evento/downloadArquivo.jsf;jsessionid=8E65CEC88575C950C8A94D6FA1D87AA3.eventoss2?nomeArquivo=678-03062021-193913.pdf&diretorio=documentos&id=678&contexto=ciclodedebatesfeminismo2021>. Acesso em: 18 jan. 2021.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. Disponível em: <https://projetoaletheia.files.wordpress.com/2014/05/cultura-um-conceito-antropologico.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2022.

MATIOLEVITCZ, Cássia Silva. **Herland**: Utopia e Feminismo em Charlotte Perkins Gilman. Trabalho de conclusão de curso (Dissertação /Mestrado). Curso de Pós-Graduação Strictu Sensu (Mestrado Acadêmico) Estudos Literários, Faculdade de Ciências Sociais, Aplicadas e Linguagem, Campus Tangara da Serra, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2018. Disponível em: http://portal.unemat.br/media/files/Dissertacao_final-Cassia%20Silva%20Matiolevitz.pdf. Acesso em: 31 jan. 2022.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 132p. (Coleção História &... Reflexões).

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, História e poder**. Rer. Social. Polít. Curitiba, v.18, n.36, p.15-23.jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZNcSBf5r>. Acessado em: 01 fev. 2022.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. (Biblioteca Básica). Disponível em: https://www.academia.edu/14467883/A_Escrita_da_Hist%C3%B3ria_Peter_Burke. Acesso em: 01 fev. 2022.